Cultura popular na vida e obra de Ariano Suassuna[1]

GONÇALVES, Érica R.[2]

Universidade Metodista de São Paulo – UMESP

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar a obra do escritor Ariano Suassuna e traçar linhas que a ligue com a folkcomunicação. Para tanto, usamos como guia as teorias de Luiz Beltrão, fundador da disciplina e José Marques de Melo. Além disso, levamos em conta a bibliografia produzida sobre Suassuna e sua obra. A cultura popular e os gêneros utilizados por Ariano também foram analisados para a obtenção de mais informações sobre a construção da obra do autor.

Palavras Chave: Folkcomunicação, Literatura Brasileira, Cultura Popular.

I - Introdução

O presente estudo tem como base a obra do escritor Ariano Suassuna e sua interface com a folkcomunicação.

O escritor nascido no Estado da Paraíba e criado principalmente em Pernambuco, teve sua vida e sua obra amplamente divulgadas, com direito ao lançamento de diversos estudos, entrevistas e a adaptação de seu livro *Romance d'A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta*, para a televisão sob direção de Luiz Fernando Carvalho, no ano de 2007, por conta de seu aniversário de 80 anos.

A principal análise feita por este estudo, porém, trata da cultura popular e seu aparecimento na obra do autor contemporâneo, que usa de técnicas arcaicas para a

[1] Trabalho apresentado no NP Folkcomunicação, do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Formação acadêmica em Comunicação – Jornalismo; especialização em Língua e Literatura pela Universidade Metodista de São Paulo; mestranda em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo, orientada pela Profª Drª Sandra Lúcia Reimão.

construção de suas personagens e de suas narrativas, seja esta uma peça teatral, um entremez ou um romance.

A presença de fatos históricos em suas histórias também configuram a recriação de acontecimentos narrados pela comunicação de massa de forma popular, ou seja, uma expressão folkcomunicacional.

II - Cultura Popular na vida e obra de Ariano Suassuna

O estudo da obra de Suassuna se abre para diversas perspectivas, desde as temáticas que entrelaçam histórias antigas, medievais e renascentistas com as da tradição oral sertaneja e da literatura de cordel, até as formas teatrais e literárias, passando ainda pelo resgate da história e da cultura popular. Estudar as obras de Suassuna implica fazer uma visita a estes vários quesitos contidos no universo do autor para iniciar uma compreensão de seu mundo mítico.

Em diversas obras e escritos, Suassuna é definido como uma mistura de Rei e Palhaço; mistura de cantador popular e intelectual; e, acima de tudo, um entusiasta da cultura brasileira popular, no sentido de produção feita pelo povo e não remetendo à Cultura de Massa; assim podemos definir, a princípio e em poucas linhas o escritor Ariano Suassuna.

O uso de gêneros populares em sua obra, como é o caso do folheto remetendo à literatura de cordel em *A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta*, ou a temática de festas e canções da tradição oral nordestina fazem da obra suassuniana um exemplar da folkcomunicação.

Em seu livro *Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados*, de 1980, Luiz Beltrão define a folkcomunicação como: " (...) o conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, idéias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e meios direta ou indiretamente ligados ao folclore." (BELTRÃO, 1980 p. 24). Para ele, as manifestações folkcomunicacionais são em sua maioria resultantes de uma atividade artesanal, divulgadas horizontalmente.

> Em outras palavras, a *folkcomunicação* é, por natureza e estrutura, um processo *artesanal e horizontal*, semelhante em essência aos tipos de comunicação interpessoal *já que suas mensagens são elaboradas, codificadas e transmitidas em linguagens e canais familiares à audiência, por sua vez conhecida psicológica e vivencialmente pelo comunicador, ainda que dispersa*. (BELTRÂO, 1980 p. 28)

Ou seja, mesmo que se valendo de veículos impressos (jornais, livros, folhetos) ou mesmo comuns à comunicação de massa (rádio, TV), o conteúdo e a linguagem usados na construção das mensagens folkcomunicacionais são voltados para um público conhecido pelo comunicador.

José Marques de Melo, em *Mídia e cultura popular* (2008), explica que Beltrão entendi a folkcomunicação como uma mediação entre a cultura das elites e a cultura das classes trabalhadoras e comprovou que os processos de comunicação massiva no Brasil eram um episódio do período medieval europeu e coexistiam com os fenômenos de comunicação pré-moderna.

> (...) para legitimar-se socialmente e para conquistar os mercados constituídos por cidadãos que não assimilaram inteiramente a cultura alfabética, a indústria cultural brasileira necessitou retroalimentar-se continuamente na cultura popular. muitos dos seus produtos típicos, principalmente no setor de entretenimento, resgataram símbolos populares, submetendo-os à padronização típica da fabricação massiva e seriada. (MARQUES DE MELO, 2008 p. 18)

Na mesma obra, Marques de Melo faz uma classificação em gêneros, formatos e tipos da folkcomunicação. Nesta tipologia, a obra de Suassuna poderia ser reconhecida dentro de algumas classificações, como no *Gênero Folkcomunicação Oral*, *Formato Verso, Tipo cantoria*; no *Gênero Folkcomunicação Visual, no Formato Impresso, Tipos Almanaque de Cordel, Literatura de Cordel e Xilogravura Popular; Gênero Folkcomunicação Icônica, Formato Diversional, Tipo Adorno Pessoal;* e ainda no *Gênero Folkcomunicação Cinética,* no *Formato Distração, Tipos Circo mambembe* e *Mamulengo* e no *Formato Folguedo, Tipos Cavalhada e Guerreiro.*

Também no *Gênero Cinética* se encontra o *Formato Festejo*, no qual poderíamos identificar a presença do tipo Festa do Divino, uma manifestação presente, mesmo que velada, na obra de Suassuna. (MARQUES DE MELO, 2008 p. 91 – 95).

Toda esta cultura popular esteve presente na vida do escritor pernambucano, que transporta para sua obra muito desta história vivida pessoalmente. Desde muito pequeno o autor tomou conhecimento de temas importantes da vida do país, que foram registrados, lembrados e mais tarde incorporados por sua obra. Nascido em 16 de junho de 1927 na Capital do Estado da Paraíba, João Pessoa, à época chamada também de Paraíba[3], Suassuna nunca se refere ao seu local de nascimento com o atual nome, isso

[3] A cidade foi chamada ainda de Nossa Senhora das Neves, motivo pelo qual algumas biografias de Ariano Suassuna trazerem como local de seu nascimento Nossa Senhora das Neves.

por conta da rivalidade política entre sua família e a de João Pessoa, causadora da morte de seu pai, João Suassuna em 1930 no Rio de Janeiro.

As circunstâncias da morte de seu pai são essenciais para a compreensão do romance abordado por este trabalho, então nos ateremos a ele: no ano de nascimento de Suassuna, o patriarca da família era presidente do Estado da Paraíba, cargo hoje equivalente ao de governador e que ocupou até 1928.

Em 1930, João Suassuna era deputado federal quando João Pessoa, então presidente da Paraíba, foi assassinado por João Dantas, motivado por motivos pessoais. Ocorre que Dantas era primo da mãe de Ariano e por isso seu pai foi também perseguido como mandante. O desfecho da história aconteceu com o aparecimento do corpo de João Dantas, morto na Detenção de Pernambuco, em 6 de outubro de 1930, logo após o início da Revolução e com o assassinato de João Suassuna, em 9 de outubro do mesmo ano, no Rio de Janeiro, onde estava refugiado de seus inimigos, exercendo sua função Legislativa.

A morte de João Dantas permanece um 'mistério indecifrável'; seu corpo foi encontrado na cela, com o pescoço cortado, e dado como suicídio. A família, porém, nunca aceitou esta versão, dizendo se tratar de assassinato. O fato nunca chegou a uma conclusão e este mistério é que influenciou Ariano Suassuna na construção da cena da morte do padrinho de Quaderna, em *A Pedra do Reino*.

O próprio escritor falou sobre isso em entrevista para o volume dez da coleção Cadernos *de Literatura Brasileira*. Segundo ele ao pedir que a irmã Germana lesse o livro que estava escrevendo ela observou e questionou sobre a aproximação da morte do padrinho de Quadernar e a de João Dantas. Suassuna conta sobre a visita que a família fez à Dantas três dias antes de sua morte:

> Ele morreu aqui, na Detenção, que hoje é a Casa de Cultura. E, vejam vocês, eu vim visitá-lo com minha mãe no dia 3 de outubro de 1930, porque no dia 30 de setembro tinha morrido o pai dele. A gente estava refugiado aqui em Paulista. Mamãe foi comigo e com meu irmão João até a Casa de Detenção e lembro que fiquei impressionado com a altura das escadas e com o tamanho das chaves que abriram a cela. Eu lembro também que João Dantas estava de meia e chinelos, coisa que não se usava muito. Ele estava numa mesa jogando baralho. Vejam bem: era 3 de outubro, ia estourar a Revolução de 30; as tropas da Paraíba depuseram o governador, tomaram o poder e desceram para cá. Aqui tomaram a cadeia e, na madrugada do dia 6, João Dantas foi encontrado com a garganta cortada, na cela do terceiro andar da Detenção. Até hoje a gente tem certeza de que foi assassinato e o outro lado diz que foi suicídio. (CADERNO DE LITERATURA BRASILEIRA, 2000 p. 28)

Após a constatação das semelhanças entre os acontecimentos de 1930 e a narração da morte do Rei, Suassuna diz que acentuou os detalhes para que parecesse mais com os acontecimentos reais.

Com a morte de João Suassuna, a família se mudou para Taperoá, cidade localizada no Sertão do Cariri Paraibano, palco da Pedra do Reino entre outras obras do escritor, onde Suassuna começaria a ter acesso à cultura popular e também a arte erudita, que mais tarde seriam a base de sua obra.

No livro *Em demanda da poética popular,* Idelette Muzart Fonseca dos Santos, descreve Taperoá como o centro da obra suassuniana. "O mundo suassuniano tem uma particularidade geográfica: sua capital literária é Taperoá, uma pequena cidade dos Cariris Velhos, no sertão da Paraíba, que ultrapassava apenas 12 mil habitantes no censo de 1975." (SANTOS, 1999 p. 72)

Esta forte ligação de Suassuna com os temas tratados em sua obra remete ao que Beltrão considerava relevante no comunicador de folk. Para ele, o folkcomunicador é uma pessoa com personalidade característica dos líderes de opinião identificada nos seus colegas do sistema de comunicação social. Entre as características destacadas pr Beltrão estão o *prestígio na comunidade*, que independe da posição social ou econômica sendo definido pelo nível de conhecimento que o comunicador detém sobre determinado tema e seus reflexos na vida da comunidade; *exposição às mensagens do sistema de comunicação social*, ou seja, ele participa da audiência da Comunicação de Massa e os submete aos padrões de seu grupo; *freqüente contato com fontes externas autorizadas de informação; mobilidade; e arraigadas convicções filosóficas* (BELTRÂO, 1980 p. 35).

O comunicador de folk nem sempre é uma autoridade reconhecida, mas conta com o carisma da sociedade. Esta ascensão à liderança, segundo Beltrão, está ligada à credibilidade que o agente-comunicador adquire em seu ambiente e está ligada também à sua habilidade de decodificar as mensagens de forma popular (BELTRÂO, 1980 p. 36).

Sobre o público, Luiz Beltrão o divide em três grupos: Os grupos rurais marginalizados; os grupos urbanos marginalizados; e os grupos culturalmente marginalizados. Dentro destas três divisões, o autor aponta as grandes oportunidades de comunicação de cada um dos grupos.

Nos grupos urbanos marginalizados, uma das oportunidades de comunicação apontadas pelo autor são as festas religiosas urbanas, que reúnem o povo de uma comunidade em torno da celebração de uma data, santo ou manifestação de uma religião.

Neste contexto, a Festa do Divino e seus rituais é uma das manifestações que se destacam e representam a resistência da cultura popular urbana. Entre os ritos desta festa estão as corridas de cavalos dos cavaleiros mascarados, chamadas e cavalhadas, que representam as guerras do bem contra o mal. (BELTRÃO p. 66 a 75)

> Um toque especial e tradicional ordena o início das cavalhadas: entram na praça os mouros em fila e a galope, montando cavalos enfeitados desde os cascos, pintados de prateado, até as arreatas. Luxuosamente vestidos, levam à cabeça um casquete em veludo vermelho com detalhes prateados; usam calças e coletes de veludo da mesma cor, com plumas brancas; o rei mouro usa um capacete dourado, do tipo romano. Todos portam lança e pistola. Os cristãos, que entram depois, e cujo rei usa chapéus de três pontas, têm o traje todo azul. (BELTRÂO, 1980 p. 75)

Beltrão também fala sobre a manifestação do sebastianismo, culto que acredita no retorno de dom Sebastião, rei de Portugal desaparecido em 1578 na batalha contra os mouros em Alcácer-Quibir, na África. Este culto está classificado como uma comunicação dos grupos culturalmente marginalizados.

Neste momento, o autor fala sobre os fatos ocorridos na Pedra Bonita, em Pernambuco, que em dois momentos foi palco de massacres sangrentos em nome da ressurreição de dom Sebastião e que serviram de base para o livro de Ariano Suassuna *Romance d'A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta*.

A primeira ocorrência aconteceu em 1819, liderada pelo ex-soldado Silvestre José dos Santos, que anunciava visões sobre a volta do rei e de como isto aconteceria. Uma das metas do grupo era tomar Pernambuco e resgatar os Lugares Santos de Jerusalém (BELTRÂO, 1980 p. 111). Este episódio culminou na morte de muitos homens, mulheres e crianças, sendo detida pela polícia pernambucana.

A segunda manifestação, ocorrida em 1838 no mesmo local, foi ainda mais sangrenta. Sob o comando do auto intitulado rei João Ferreira, que instaurou a ordem de que ele, o rei, teria direito à primeira noite de todas as noivas, no dia 14 de maio de 1838 iniciou-se um ritual d degola em nome da volta de dom Sebastião, que aconteceria após a unção das duas grandes pedras com o sangue dos degolados.

Em três dias o ritual degolou trinta crianças, doze homens, onze mulheres e catorze cães. No terceiro dia o próprio rei foi degolado, tomando o comando seu cunhado Pedro Antônio, que comandou a retirada dos remanescentes, que se confrontaram com um contingente militar, embate que matou outras 22 pessoas de ambos os lados. (BELTRÂO, 1980 p. 111 – 113)

O uso de fatos reais na obra literária, como é o caso acima descrito, além da clara influência da manifestações populares como a cavalhada e o teatro de mamulengos reforçam a ligação da obra de Suassuna e as manifestações de folkcomunicação.

Em *Ariano Suassuna um perfil biográfico*, as autoras Adriana Victor e Juliana Lins destacam que o dramaturgo afirmou diversas vezes que é na infância e na juventude que se forma o universo mítico de um escritor e que depois disso o restante é acréscimo.

Foi justamente em Taperoá, ainda pequeno que Suassuna conheceu alguns elementos que fazem parte de sua obra, como os desafios de viola, o teatro de mamulengos e o circo. Segundo Victor e Lins, um dos principais personagens encontrados por Suassuna sob a lona circense e depois incorporada à sua obra é o palhaço:

> A infância na rua de Taperoá tinha uma atração maior que todas as outras para Ariano: o encantamento do circo. Um circo sem bichos, com festa e divertimento espalhados em cada canto sob a lona. No picadeiro, malabaristas, trapezistas, bailarinas, mágicos e, principalmente, palhaços. (VICTOR & LINS, 2007 p. 27)

O palhaço está presente em várias obras de Suassuna. Em O *Auto da Compadecida* ele é o narrador Gregório, nome do palhaço do circo de Taperoá. No livro *Romance d'A Pedra do Reino*, Quaderna faz as vezes do narrador, não caracterizado como um palhaço no livro, mas sim na minissérie transmitida pela *Rede Globo*. Esta caracterização de Quaderna como um palhaço apareceria, mais tarde, nas histórias do folhetim *A história do rei degolado nas caatingas do sertão: ao sol da Onça Caetana*, publicadas pelo *Diário de Pernambuco,* em 1975, e mais tarde, em 1977, publicadas em livro com o nome de *O rei degolado*.

Em sua entrevista para o *Cadernos de Literatura Brasileira*, Suassuna explica, sua paixão pelo circo e da fusão desta arte com a escrita presente em sua obra, que desta mistura saiu sua visão dos dois hemisférios do Homem, sendo eles o *hemisfério Rei* e *hemisfério Palhaço*.

Segundo ele, se uma pessoa der mais vazão para o hemisfério Rei ela certamente será uma pessoa cruel e extremamente autoritária, sendo que o hemisfério Palhaço serviria justamente para equilibrar o Rei.

III – Cultura adquirida, cultura transmitida

Outro hábito adquirido em Taperoá foi o da leitura. Consta que João Suassuna deixou uma boa biblioteca, da qual faziam parte livros como *Os três mosqueteiros*, de Alexandre Dumas e uma obra que influenciou positivamente Ariano: *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. (VICTOR & LINS, 2007 p. 29 e 30)

As bibliotecas continuaram a ter grande importância na vida de Suassuna ao se mudar para o Recife, em 1937 para estudar. Primeiro no colégio Americano Batista e depois no Ginásio Pernambucano, o escritor sempre encontrou acervos que despertavam sua curiosidade pela leitura, que se transformou em paixão pela literatura e o incentivou a escrever.

> O menino que descobriu aos 12 anos que queria ser escritor começou, primeiro, admirando os personagens das histórias que lia. Logo passou a admirar os autores daquelas histórias, eles também misteriosos personagens. Por fim, Ariano passou a querer transformar-se em um grande personagem-escritor. (VICTOR & LINS, 2007 p. 47)

Entre as leituras feitas na infância, algumas peças de Henrik Ibsen, emprestadas à Suassuna pelo médico e Juiz de Direito de Taperoá, Abdias Campos, se destacam. Segundo Bráulio Tavares, em *ABC de Ariano Suassuna*, o escritor ainda menino tentou imitar o escritor norueguês, porém sem sucesso, justificado mais tarde pelas diferenças entre as realidades de cada país.

Após esta tentativa, Suassuna começa a se aproximar em sua escrita à realidade nordestina, colocando em sua obra muito do Romanceiro do Nordeste, das histórias orais, da literatura de cordel e da sua vivência no sertão.

Luiz Beltrão explica que a cultura brasileira é formada pela fusão de diversas cultura que se misturam e interagem, criando modificações que podem ser vistas principalmente da língua falada, bastante diversa do português original trazido de Portugal, que ganha aqui palavras e sotaques das culturas indígena, africana e de outros povos que no Brasil aportaram. (BELTRÃO, 1980 p.9)

> Desse modo, ao completar-se o terceiro século de colonização, haviam-se estabelecido relações vivas e atuantes entres os três

> grandes blocos raciais que, embora operando em áreas sociais diversificadas, entendiam-se e se completavam para a obtenção de uma unidade de pensamento e ação, que resultaria na Independência. (BELTRÂO, 1980 p. 15)

Já na faculdade de Direito, que cursou no Recife entre 1946 e 1950, conheceu Hermilo Borba Filho, com quem fundou em no ano de ingresso na faculdade o Teatro do Estudante de Pernambuco. Foi também Borba Filho que apresentou à Ariano a obra de Frederico Garcia Lorca, poeta e dramaturgo espanhol, que significou um novo caminho na literatura de Suassuna. (VICTOR & LINS, 2007 p. 57)

Com estas obras o escritor brasileiro passa a adotar em suas obras elementos da cultura Ibérica, que para ele é a fonte da cultura nordestina e brasileira. Ariano costuma dizer em suas aulas-espetáculo que a cultura brasileira é local, porém ela é um episódio da cultura Ibérica, com traços peculiares adquiridos no país (informação verbal). [4]

> 'Toda obra de arte é ligada a um local determinado, toda arte é nacional. Ninguém mais espanhol que Cervantes' [Suassuna], sempre reforçou Ariano, usando o exemplo da Espanha. 'Obras criadas em locais determinados e com todas as características dos países em que foram realizadas tornam-se universais por sua alta qualidade e pela divulgação que alcançaram, o que permitiu que elas fossem incluídas no patrimônio comum da Arte mundial' (declaração de Suassuna em VICTOR e LINS, 2007 p. 57)

Suassuna, também na entrevista concedida para seu volume dos *Cadernos de Literatura Brasileira*, diz que discorda do conceito de regionalismo muitas vezes atribuído à sua obra. Segundo ele, uma obra pode se passar em uma pequena vila sertaneja, caso da citada *Romance d'A Pedra do Reino*, porém, se ela tratar de assuntos universais, que dizem respeito ao conteúdo comum, ela será universal e não regionalista.

Para o escritor uma obra tem valor universal se ela refletir os problemas do homem através de uma situação local, ou seja, através do caso local se atinge um público mais abrangente, universal. (CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA, 2000)

Santos (1999), faz um panorama da cultura popular. Para a autora o termo é, em si, complexo por trazer o significado da palavra povo, que se refere ao mesmo tempo a uma multidão de pessoas, a habitantes de um país ou região. Já a palavra popular,

[4] Aula-espetáculo proferida em 18 de setembro de 2007 no Memorial da América Latina em São Paulo.

carrega a ambivalência de um adjetivo substantivado, ou seja, substitui o conceito de identificação.

> Num feixe semântico concorrente e, às vezes, contraditório, popular designa o que vem do povo, o que é relativo ao povo, o que é feito para o povo e, finalmente, o que é amado pelo povo. Pertence, portanto, a um discurso sobre o povo (...) (SANTOS, 1999 p. 14)

Lígia Vassallo, em seu ensaio publicado no volume dez dos *Cadernos de Literatura Brasileira*, (2000) "O grande teatro do mundo", fala sobre a busca e a preocupação estética de Suassuna e como este movimento culminou na elaboração do projeto que deu origem ao Movimento Armorial.

Este movimento lançado em 18 de outubro de 1970 tinha como principal objetivo juntar artistas de diversos segmentos (música, artes plásticas, dança, literatura etc) para formar um movimento em defesa da cultura popular. Nas palavras do próprio Ariano, reproduzidas por Vassallo:

> A Arte Armorial Brasileira é aquela que tem como característica principal a relação entre o espírito mágico dos folhetos do Romanceiro popular do Nordeste (literatura de cordel), com a música de viola, rabeca ou pífano que acompanha suas canções e com a xilogravura que ilustra suas capas, assim como o espírito e a forma das artes e espetáculos populares em correlação com este Romanceiro. (CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA, 2000 p. 147)

A idéia central que nasce com o Movimento Armorial é a da criação de uma arte brasileira erudita, baseada nas raízes populares. A origem da palavra Armorial está no substantivo que dá nome ao livro de registro de símbolos de nobreza e passa a designar a confluência dos vários segmentos da arte em busca de uma identidade popular (como já foi dito no sentido de feito pelo povo). Outro uso da palavra Armorial seria a qualificação de cantares do Romanceiro e toques de viola e rabeca com base da música Barroca do século XVIII no Brasil. (VICTOR & LINS, 2004 p. 76)

Vassalo aponta também alguns moldes dramáticos que entrelaçam as peças escritas por Ariano Suassuna, mas que podem ser estendidas para sua obra completa. A autora fala que se pode identificar a comédia da antiguidade, o teatro medieval (religioso e profano) e os folguedos nordestinos.

A comédia da antiguidade é uma das mais antigas tradições dramáticas ocidentais e tem como característica a propensão para a comédia social. Seu desenlace geralmente promove a promoção social e um final feiliz. "(...) a comédia canônica ou comédia de costumes tem final feliz, reviravolta e integração a uma nova sociedade,

conforme entendimento de Northrop Frye, expresso em Anatomia da Crítica." (VASSALLO, 2000 p. 164)

Do teatro medieval as peças de Suassuna se enquadram tanto na modalidade religiosa, quanto na profana. O teatro religioso medieval destaca o mistério da fé e sua encenação. O milagre também está presente por meio da intervenção de Nossa Senhora em diversas ocasiões.

Outra característica do teatro medieval religioso é a moralidade, que emite mensagem de atenção aos atos e gestos cometidos na Terra e serão julgados no Juízo Final. A ultima manifestação deste teatro é o auto sacramental, que traz como temática a vida como representação ou sonho e a expressão alegórica. Embora este tipo de teatro tenha sido praticado na primeira metade do século XVII, ela atualiza elementos vistos desde a Idade Média.

Massaud Moisés, no *Dicionário de Termos Literários* (2004) diz que o auto está vinculado aos mistérios e a moralidade e designa toa peça breve,com tema religioso ou profano, encenado durante a Idade Média. Os autos seriam parte de uma peça maior e são Ibérico por excelência. (MOISÉS, 2004 p. 45)

A função metateatral, observada por Vassallo (2000), também é presente na obra de Suassuna de modo constante. A presença do palhaço, por exemplo, mostra um teatro montado dentro de uma obra, com o palhaço narrando os acontecimentos.

Já as características do teatro profano encontradas em Suassuna são a farsa, a commedia dell'arte e o circo. A primeira originalmente é uma peça curta, cômica, com personagens esteriotipados geralmente da burguesia. A farsa não tem preocupação com a moralidade e escolhe como tema fatos cotidianos.

A commedia dell'arte, de origem italiana no século XVI empresta as características de improvisação dos personagens fixos a partir de um roteiro e não de um texto. Este gênero foi largamente difundido na Europa e depois desapareceu, porém muitos de seus procedimentos foram incorporados a outras modalidades de espetáculo chegando ao mamulengo.

E do circo a clara influência é a apresentação de algumas obras, usando a figura do palhaço como um narrador condutor do espetáculo.

Por último, a influência dos folguedos Nordestinos, que alimentam a estrutura das obras em paralelo com os modelos europeus. Entre os moldes mais comuns na obra de Suassuna estão os mamulengos.

Este tipo de teatro é feita com bonecos e está na origem da escrita teatral do autor, lembrando que uma de suas primeiras peças foi *Torturas de um coração ou Em boca fechada não entra mosquito*, escrita em 1951 para ser apresentada por mamulengos para sua então noiva Zélia e sua mãe Rita, quando estas foram visitá-lo em Taperoá durante sua recuperação da tuberculose.

O teatro de mamulengos tem como característica a junção de música, dança com atos de pancadaria, valentia e galanteios. Ele também apresenta forte comicidade, jogo de palavras e improvisação, entre outras características.

Em resumo, a obra de Suassuna apresenta temas de longa data não apenas em sua estrutura, mas também na temática, sempre remetendo aos folhetos, histórias orais e lendas Ibéricas e do ocidente em geral, que se perdem no tempo. Vassallo ressalta que estes tema escolhidos por Suassuna, sempre iniciando sua influência na cultura do sertão sendo remetido aos registros mais antigos depois, mostram o quanto a cultura Nordestina e herdeira das diferentes sociedades que subjazem à portuguesa. (VASSALO, 2000). Para Suassuna, o arcaísmo não é algo ruim, ao contrário, é algo que pode fazer da arte algo que se projeta até para o futuro.

IV - Considerações Finais

Após examinar a obra de Ariano Suassuna e a bibliografia, mesmo que parcial, já produzida sobre esta, podemos verificar a estreita ligação do autor com a cultura popular, bem como com a folkcomunicação.

Seu modo de recriar os acontecimentos e de fazer uso das manifestações culturais vivenciadas ao longo de sua trajetória, fazem de Suassuna um dos grandes expoentes da cultura popular brasileira e um dos mais importantes escritores da atualidade.

O uso de fatos ocorridos localmente, mas que remetem à situações universais fazem com que suas obras e seus personagens extrapolem os limites da regionalidade, tornando-se universais, sem, porém, perder as características folclóricas do nordeste e do Brasil.

A discussão sobre os elementos populares e folclóricos, que tornam a obra suassuniana um exemplar da folkcomunicação não se esgotam, apenas vão se

aprimorando ao longo dos estudos sobre esta ligação entre a literatura que faz uso de técnicas arcaicas e a comunicação de massa, ou como diria Suassuna, que faz uma junção entre as culturas popular e erudita para a criação de uma arte popular erudita brasileira, principal objetivo do Movimento Armorial.

Referências bibliográficas

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: A comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.

CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA. **Ariano Suassuna**. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2000.

MARQUES DE MELO, José. **Mídia e cultura popular**. São Paulo: Paulus, 2008.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Cultrix, 2004.

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. **Em demanda da poética popular: Ariano Suassuna e o Movimento Armorial.** Campinas, SP: Ed. Unicamp, 1999.

SUASSUNA, Ariano. **Romance d'A Pedra do Reino e sangue do príncipe do vai-e-volta**. 9ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

SUASSUNA, Ariano. Aula-espetáculo. 2007. São Paulo. 18 set. 2007.

TAVARES, Bráulio. **ABC de Ariano Suassuna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

VICTOR, Adriana; LINS, Juliana. **Ariano Suassuna: um perfil biográfico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2007.

VASSALLO, Lígia. **O grande teatro do mundo**.In: Cadernos de Literatura Brasileira. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2000.